

Marina Sanfilippo (2007).
El Renacimiento de la Narración oral en Itália y España (1985-2005).
Madrid: Fundación Universitaria Española.

Os contadores de histórias não morreram. Marina Sanfilippo, com *El Renacimiento de la Narración oral en Itália y España (1985-2005)*, mostra-nos que a narração oral renasceu e é uma realidade do século XXI, com início ainda no século XX, nos anos oitenta e noventa.

Ao longo de quatro capítulos, Marina Sanfilippo apresenta-nos as características da narração oral e a nova realidade do seu renascimento, com incidência nos casos de Espanha e Itália.

De facto, como nos é dado conhecer pelo estudo desta autora, durante os anos oitenta e noventa, embora como recurso para a animação e leitura, centros de ensino e bibliotecas de toda a Europa começaram a valorizar e a utilizar a narração oral. Também durante os anos oitenta, em vários países europeus, o teatro recuperou o prazer de contar histórias. Assim, pedagogia e teatro encontraram um terreno comum, a narração de contos de fadas e outras histórias maravilhosas.

A este renascimento não é alheio o facto de, como refere a autora, a narração «de viva voz» se distanciar enormemente da narração de um conto por escrito. É o valor da voz e do gesto que marcam a distância entre a narração oral e a escrita.

Este estudo, que teve como base a realização de inquéritos, mostra-nos que o regresso às origens está a acontecer. Em pleno século XXI, o homem procura o reencontro consigo próprio e com os valores identitários que se julgavam perdidos. A narração oral não se perdeu, antes sofreu uma transformação na forma como se desenvolve. Esta publicação dá-nos a conhecer as novas realidades de narração oral e os contextos em que as elas ocorrem.

No panorama actual, para além de ferramenta útil para fomentar o gosto pela leitura, em contexto de sala de aula e bibliotecas, a narração oral recuperou vitalidade

e visibilidade social em contextos diversos como cafés, centros culturais e espaços teatrais.

As características próprias da oralidade, como entoação e gesto, fazem com que esta se distancie radicalmente da narrativa escrita. A riqueza de códigos e recursos presentes na primeira não podem ser igualados pelo registo escrito, sendo factor preponderante da proximidade actual entre narração oral e teatro. A narrativa escrita nasceu graças à herança oral, da qual se diferencia na forma e não no conteúdo. Entre as diferenças que marcam a distância entre a narrativa oral e a escrita encontra-se também o narrador, que, no oral, não se diferencia do autor.

Com preocupações distintas dos narradores que actuam ou actuavam no âmbito de culturas tradicionais, tais como a não gratuidade do serviço que prestam, a escolha do repertório e as questões directamente ligadas com o mesmo (dinâmica escrito-oral e direitos de autor), questões relacionadas com a profissionalização e questões relacionadas com os espaços artísticos onde se pode desenvolver a arte de contar, os novos contadores de histórias, com processos artísticos próprios, utilizam técnicas muito parecidas às dos oradores da antiguidade clássica. Entre os aspectos que aproximam a nova narração da narração oral de tipo folclórico está, por exemplo, a utilização, por parte de ambas, de procedimentos parecidos para o início e o final das histórias contadas.

Como nos é dado a perceber no livro de Marina Sanfilippo, os contextos em que se desenvolviam as práticas de narração oral de tipo tradicional desapareceram; contudo, longe de se perder, a narração oral vive agora uma nova vida em contexto cénico e teatral, para além de ser utilizada como ferramenta pedagógica e incentivadora da leitura.

Em Itália, a realidade da narração oral apresenta-se como uma prática realizada por actores de teatro, e, segundo alguns críticos, representa um autêntico género teatral dentro do teatro italiano contemporâneo. Em Espanha, é vista principalmente como ferramenta útil para a animação da leitura ou como forma de entretenimento sem grandes pretensões culturais. O trabalho desenvolvido pelos novos contadores espanhóis é paralelo ao dos contadores franceses e ao dos latino-americanos, sendo que para a maioria dos contadores espanhóis este último exemplo serviu como ponto de referência mais imediato.

Como já referido, longe de se poder definir apenas como oposição à escrita, a oralidade engloba aspectos fundamentais como a voz, o gesto e o ritmo. Estes aspectos fundamentais são responsáveis por toda a distância que medeia entre um conto narrado por escrito e um conto narrado de «viva voz», dando por isso uma importância crescente ao segundo, mais rico por todos os recursos e códigos que o caracterizam.

As histórias continuam a ajudar o homem a compreender-se e a compreender o mundo que o rodeia.

O conto, apesar das suas transformações ao longo dos tempos, mantém a sua estreita relação com os valores e com uma concepção flexível do tempo. Nas palavras de Marina Sanfilippo, que também cita Beltrán Almería, «(...) y si la *performance* narrativa es un acontecimiento que en sí mismo contiene valores comunitarios y de construcción de la identidad del grupo, los cuentos se transforman en «sucesos que se desvían de o confirman la primacia de valores que aseguran el crecimiento de la naturaleza y la comunidad: el bien, la belleza, la verdad y la justicia» (Sanfilippo, 2007: 230).

Para todos os que se interessam pelo tema, este excelente livro de Marina Sanfilippo é, sem dúvida, uma publicação que já se fazia esperar.

Isabel Moreira